

## O NÃO SABER COMO PRINCÍPIO DA SABEDORIA EM SÓCRATES

André José Nunes\*  
Filipe Gomes de Freitas\*\*

**Resumo:** O presente trabalho tem por finalidade estudar o princípio do não saber socrático e seus desdobramentos para buscar sabedoria. Contudo, para compreendermos tal princípio organizamos nossa pesquisa em três partes que se completam: a primeira se detém no estudo da filosofia como amiga da sabedoria. Já no segundo momento, investigamos como se dá o princípio do não saber ou assim chamado por Kohan, como o princípio da ignorância. E por último em um terceiro estudo, pesquisamos os dois fundamentais princípios que se agregam ao princípio da ignorância, ou seja, a humildade e a simplicidade, condição fundamental para buscar o conhecimento.

**Palavras-chave:** Não saber. Ignorância. Sócrates. Sabedoria.

### Introdução

A busca pela sabedoria foi um grande marco para o desenvolvimento da filosofia. Foi questionando sobre a origem das coisas que o homem começou a se dar conta de que existem conhecimentos que são capazes de dar unidade ao mundo. Assim foi às investigações iniciais da filosofia, a busca por um princípio fundamental que fosse capaz de formar o mundo.

Na história da filosofia, compilada por Giovane Reale e Dario Antiseri, está descrito que “o pensador ao qual a tradição atribui o começo da filosofia grega é Tales, que viveu em Mileto, na Jônia, provavelmente nas últimas décadas do século VII e na primeira metade do século VI a. C.” (1990, p. 29).

Assim sendo o primeiro dos filósofos, Tales também dá início à chamada filosofia da *physis*, “pois foi o primeiro a afirmar a existência de um princípio originário único, causa de todas as coisas que existem, sustentando que esse princípio era a água” (1990, p. 29).

---

\* Acadêmico do segundo semestre do curso de licenciatura em filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS. E-mail: [andrejosenues7472@gmail.com](mailto:andrejosenues7472@gmail.com)

\*\* Acadêmico do oitavo semestre do curso de licenciatura em filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS. E-mail: [filipe.sh.freitas@gmail.com](mailto:filipe.sh.freitas@gmail.com)

Depois de Tales, outros filósofos da natureza propuseram, também, outros princípios fundamentais, assim como o fogo (Heráclito), o átomo (Demócrito), o ar (Anaxímenes) e também o ser (Parmênides).

Já com Sócrates a busca pelo conhecimento toma uma nova perspectiva, assim Reale e Antiseri o colocam “depois de um período de tempo em que ouviu a palavra dos últimos naturalistas, mas sem se considerar de modo algum satisfeito, Sócrates concentrou definitivamente o seu interesse na problemática do homem” (1990, p. 87). Ora, com Sócrates ocorre uma virada filosófica, de uma passagem investigativa acerca da natureza e seus princípios, para uma temática que envolve a problemática humana.

Assim se insere o princípio do não saber ou da Ignorância, como uma investigação sobre a verdade, e também, uma investigação acerca de quem é o homem. Para descobrir a verdade, Sócrates utiliza de alguns recursos fundamentais, principalmente nas controvérsias encontradas nos diálogos com os sofistas. O princípio do não saber, a ironia e as perguntas simples, que demonstram as contradições do discurso, são elementos que marcam os diálogos que Sócrates teve em sua vida.

Contudo, investigamos neste trabalho, justamente o princípio do não saber ou da ignorância, e esquematizamos este escrito em três partes que se complementam. Isto é, para demonstrar o princípio do não saber iniciamos nosso estudo a partir da filosofia sendo a amiga da sabedoria, tal fato atribuído a Pitágoras, que demonstra que a filosofia se inicia como um ato de humildade em reconhecer que se é amigo e não detentor.

Já na segunda parte, desenvolvemos o princípio do não saber e como ele se demonstra na figura de Sócrates. E na última parte buscamos reforçar que o princípio socrático está alicerçado pela humildade e simplicidade.

## **1 A filosofia como amiga do saber**

A palavra filosofia surgiu tendo seu significado etimológico referente a ser amigo da sabedoria, denominado primeiramente por Pitágoras<sup>1</sup>, o que distingue a amizade, aproximação, admiração pela sabedoria, da sabedoria propriamente dita. Assim a filosofia não é a sabedoria, mas uma relação com ela, uma vivência. Nesse sentido que Sócrates irá

---

<sup>1</sup> Segundo Raeymaeker, em sua introdução a filosofia destaca que “ Pitágoras teria sido o primeiro a dar um sentido mais preciso ao vocábulo filosofia: a qualida de sábio não convém a nenhum homem, mas só a Deus o home deve contentar-se com ‘amar e buscar a sabedoria’” (1961, p. 13).

relacionar-se com a sabedoria, através de uma constante busca, usando, para tal fim, o autoconhecimento.

Diante desta situação, Sócrates dará importantes passos para a filosofia, pois, reverte à centralidade filosófica que se deu com os filósofos da natureza que se preocuparam em responder a natureza e a realidade última das coisas, para agora responder, a essência e a finalidade do homem. Explicitando que o homem é a sua alma, ora, “o eu consciente, ou seja, a consciência e a personalidade intelectual e moral” (REALE, 1990, p. 87). Em outras palavras, como acentua o autor Rodolfo Mondolfo, Sócrates sugere um novo problema que difere da indagação naturalista: “escrutar os homens para conhecê-los e incitá-los a conhecerem a si mesmos e a serem melhores” (1967, p. 20).

Vale recordar que Sócrates se motivou a incitar os homens ao autoconhecimento após uma revelação recebida a partir de uma pergunta de seu amigo Querefonte, ao oráculo de Delfos, sobre a existência de alguém mais sábio que Sócrates. Com a negação do questionamento, Sócrates procurou sustentar tal resposta, buscando alguém que lhe fosse mais sábio, posto que, se o oráculo não pode mentir, pelo menos não foi claro em sua resposta, visto que Sócrates não se considerava portador de tal sabedoria (KOHAN, 2009, p. 20).

Pode-se encontrar em Sócrates princípios introdutórios e fundamentais para todo aquele que procura ter uma relação mais próxima com a sabedoria. Uma primeira palavra neste contexto se refere à *Areté* (virtude) que torna o homem a ser aquilo que sua alma é por natureza, o que significa dizer bom e perfeito. Para tal fim, Sócrates se coloca em uma posição perfectível, no sentido de estar constantemente buscando a perfeição da alma, mas nunca assumindo uma posição de arrogância de quem supõe saber tudo. Em outras palavras, Sócrates se encontra em um constante buscar pela sabedoria da alma.

A *Areté*, por conseguinte, supõe-se por virtude do conhecimento em que acentua o objetivo da excelência da alma. O conhecimento em Sócrates é grifado, pois só assim o homem poderá ser livre. Porém, esse conhecimento vai além do exterior, mas o filósofo citará o autoconhecimento, representado por uma das mais célebres de suas frases, ‘conhece-te a ti mesmo’. O autoconhecimento tem relação com o autodomínio e, a autonomia denomina-se por *Eukratéia*. Somente a partir de um autoconhecimento é que será possível ao homem uma *Eukratéia*, deste forma, o domínio de si sobre o prazer, o cansaço, e dos impulsos implicara na liberdade do homem a partir da racionalidade acima da animalidade, o seja, tornar a alma senhora do corpo e dos instintos.

Neste contexto afirma Giovanni Reale: “o verdadeiro homem livre é aquele que sabe dominar seus instintos, o verdadeiro homem escravo é aquele que, não sabendo dominar seus

instintos, torna-se vítima deles.” (1990, p.91). A partir deste, fica evidente que o vício é o contrário da virtude, e que este consiste em deixar-se dominar por aquilo que deve ser dominado, os instintos.

Doravante, surge em Sócrates a ideia do princípio do mal, dado que o autoconhecimento e o autodomínio fazem consequência ao bem, sublinha-se que a ignorância é o princípio de todo o mal, do erro e da culpa, nesse âmbito afirma Mondolfo: “[...] o erro e a culpa podem considerar-se uma carência de ciência ou de sabedoria, quer dizer, também uma ignorância; [...]” (1967, p. 66-67). Distingue-se assim: o bem - como conhecimento e abundância de bons costumes, ou seja, hábitos - do mal, como a ignorância e a fartura de vícios que determinam sua liberdade.

Segue-se que Sócrates ao buscar alguém que lhe fosse mais sábio, envolveu-se em uma espécie de missão, o de indagador de consciências, que por consequência, levava os seus interlocutores a uma autorreflexão, pois; não obstante, Sócrates inquietava-se com as pessoas que possuíam paradigmas de pensamentos falsos que contradiziam os princípios da sabedoria. Desta maneira, Sócrates conduzia a todos a realizar seu próprio escrutínio, ou seja, as próprias indagações, como afirma ainda Mondolfo:

[...] Sócrates dirigia-se nos ginásios, na *ágora*, nas ruas, nos banquetes, em qualquer parte- a cada um, sem fazer distinções de classe, profissão ou idade; a políticos e sofistas, a poetas e artistas, a soldados e artesões, a jovens e anciões, a estrangeiros e concidadãos [...] (1967, p. 21).

Contudo, afirma-se que Sócrates guiava-se através de um instinto interior que denominava de *daimon*, que tinha por intuito demonstrar quem estaria disposto a seguir uma conversação e quem o não estaria. Era deste modo que o filósofo selecionava seus discípulos. Este *daimon* ou ainda *daimonion* atribuiu a Sócrates uma das acusações de introduzir novos deuses, no qual mais tarde foram responsáveis pela sua condenação.

Em sua *Apologia* (PLATÃO, 2003, p. 15), Sócrates irá definir este *daimon* como uma voz que o tem desde a infância, o qual lhe fornece o discernimento para pensar os perigos e os diálogos. Esta ‘voz divina’ surpreendeu a muitos que buscaram entender seu sentido, no qual resultou uma série de exegeses: “Alguns pensaram que Sócrates estivesse ironizando, outros falaram de voz da consciência, outro do sentimento que perpassa o gênio.” (REALE, 1990, p. 95).

Deve-se destacar que, em Sócrates, a *areté* e a *eukratéia* não fazem relação com o divino, mas com a razão, tampouco o *daimon* relaciona-se com sua missão divina comentada

acima. Esta *daimonia* relaciona-se tão somente a um aspecto particular que o preservava dos perigos, em especial, o seguimento da vida política.

Diante desses aspectos, pode-se afirmar que a relação no qual aproximou Sócrates da sabedoria, encontrava-se no exercício da autorreflexão. Desta maneira, o filho da parteira realizava o ato de dialogar com pessoas tendo por objetivo implanta-las a mesma autorreflexão. Sócrates em seus diálogos compreende o aspecto conhecido como maiêutica, que consiste no parir do saber, neste caso, o filósofo irá se remeter ao método da dialética: uma série de perguntas e respostas que tem por método extrair um consenso de duas opiniões geralmente contrárias, isto é, a “dialética é o processo que há um adversário a ser combatido ou uma tese a ser refutada, e que supõe, portanto, dois protagonistas ou duas teses em conflito” (ABBAGNANO, 2014, p. 315).

O método Sócrates ira usar a ironia para fazer com que seu opositor caia em contradições a partir de suas respostas, e tem por objetivo, despertar aqueles que se consideram donos do saber uma consciência de ignorância, para depois Sócrates introduzir a verdade. Claro que na maioria dos diálogos, os adversários de Sócrates acabam desistindo e abandonando a conversação, pois estes geralmente possuem cargos reconhecidos e dependem das ideologias das quais o filósofo questionava.

Reale ira refletir que a finalidade de uma dialética encontra-se em um ‘prestar de contas da vida’ no qual irritava os opositores de Sócrates, desta maneira é que o filósofo foi caminhando rumo a sua condenação: “[...] para muitos calar Sócrates através da morte significava libertar-se de ter que ‘desnudar a própria alma’” (1990, p.96), o que certamente iria prejudicar em seus prestígios.

O exercício da autorreflexão, assim, consiste em uma quebra de paradigmas, no qual muitos são rígidos em realizar. Porém, para tal fim, é necessário que todo aquele que aspira uma relação com a sabedoria, reconheça a sua ignorância. Neste contexto, é que se discutirá a relação que o filósofo deve ter com o princípio do não saber.

## **2 O princípio do não saber**

Para esclarecer o princípio do não saber é necessário explicitar que Sócrates compreende a ignorância de duas formas: uma como negativa e outra positiva, sendo esta como essencial para o verdadeiro conhecimento. Desta forma, este capítulo objetiva compreender tais conceitos de modo que se esclareça a relação que o homem deve haver com a filosofia a partir do princípio intitulado.

Retomando conceitos formulados, compreende-se que no autoconhecimento e no autodomínio encontram-se a excelência da alma, logo, o bem por essência, e a partir desses conceitos é que o homem será verdadeiramente feliz. Assim, diante desses fatores, conclui-se que se no conhecimento reside o bem, ou pelo menos a forma de encontra-lo, é na ignorância que se encontra o princípio do mal. Neste contexto, afirma Mondolfo, que ninguém peca voluntariamente, pois o erro e a culpa estão na carência de ciência, o que significa dizer que “A culpa está na ignorância enquanto implica e representa má orientação espiritual” (1967, p. 67).

Com efeito, o mal acontece por ignorância, uma ignorância que se distancia do princípio do não saber. No diálogo *Protágoras*, Sócrates, explicita que nenhum homem “nem aquele que sabe que sabe, nem aquele que pensa que há coisas melhores do que as que faz, e pode fazer, fará essas, podendo fazer as melhores; nem ser-se dominado por algo é mais que ignorância, nem ser senhor de si próprio mais que sabedoria” (PLATÃO, 2002, p. 33). Em outras palavras, o homem só comete o erro de escolher algo ruim além, do contrário, por ignorar aquilo que é bom.

O homem que objetiva a sabedoria, deve continuamente buscar a sabedoria, mas, para tal fim, o mesmo deve estar com um conhecimento primeiro, um princípio fundamental do ‘não saber’. Retomando o texto, compreende-se que Sócrates inicia uma missão divina de interpelar os homens com a intenção de encontrar alguém que lhe fosse mais sábio, diante de uma interrogação da afirmação do oráculo de Delfos quanto à sabedoria de Sócrates.

A partir de tal pretexto, em sua missão; Sócrates busca interrogar diversas pessoas bem colocadas na sociedade grega, que a entender, são divididos em três classes em sequência: políticos, poetas e trabalhadores manuais. Como explicita em sua *Apologia*:

[...] que queria dizer o Deus e qual é o sentido de suas palavras obscuras? Sei bem que não sou sábio, nem muito nem pouco: o que quer dizer, pois, afirmando que sou o mais sábio? Certo não mente, não é possível. E fiquei por muito tempo em dúvida sobre o que pudesse dizer; depois de grande fadiga resolvi buscar a significação do seguinte modo: Fui a um daqueles detentores da sabedoria, com a intenção de refutar, por meio dele, sem dúvida, o Oráculo [...] (PLATÃO, 2003, p. 07).

Do momento em diante o filósofo buscou alguém que lhe parecia mais sábio, até encontrar um político que aparentemente condizia como princípio de sua busca, até porque sua autodenominação era a de alguém dotado de sabedoria. Contudo, ao iniciar o diálogo com tal político, Sócrates notou que no tocante do assunto o seu opositor de nada entendia, porém

o mesmo não compreendia tal fato e no momento que o filho da parteira explicitou isto ao opositor, ganhou seu ódio (KOHAN, 2009, p.22).

Então, pus-me a considerar, de mim para mim, que eu sou mais sábio do que esse homem, pois que, ao contrário, nenhum de nós sabe nada de belo e bom, mas aquele homem acredita saber alguma coisa, sem sabê-la, enquanto eu, como não sei nada, também estou certo de não saber (PLATÃO, 2003, p. 08).

E assim iniciou a jornada de Sócrates, no qual prosseguiu a questionar inúmeros outros políticos. E obtendo sempre o mesmo resultado, chegou a irritar-se por tamanha arrogância por parte de seus interlocutores. Logo, o público questionado mudou de políticos para poetas, que não foram diferentes, pois estes não eram capazes de sustentar as próprias palavras, que não obstante, resultavam de uma tendência natural de inspiração, pode-se afirmar que os poetas apenas diziam muitas coisas belas, mas, não sabiam o porquê diziam.

Por fim, os trabalhadores manuais que, apesar de dominarem as artes, não compreendiam seus limites e, por conseguinte não explicavam os questionamentos de Sócrates com exatidão, mas com uma percepção que condizia com tão somente suas habilidades (KOHAN, 2009, p. 22). Tais classes são representadas na apologia pelos acusadores de Sócrates: Ânito, Meleto e Licão.

A sugestão desta analogia está em compreender, que tais classes de sujeitos representam um modelo de filosofia medíocre, pois nesses três personagens ela irá representar a filosofia como um conceito fechado e acabado, ou um conteúdo que se expressa por meio das belas palavras, na retórica como o caso dos poetas, ou, por fim, como algo utilitarista e produtivista, como é o caso dos trabalhadores manuais.

Realmente Sócrates resistiu a esses meios limitados da filosofia, tendo em vista que nem o próprio Sócrates a concebia com clareza: “Os sofistas colocavam-se em relação aos ouvintes na soberba atitude de quem sabe tudo. Sócrates ao contrário, colocava-se diante dos interlocutores na atitude de quem não sabe, tendo tudo para aprender.” (REALE, 1990, p. 97). Assim afirma-se que, Sócrates se tornara o mais sábio por reconhecer que nada sabia, diferente dos demais que não sabendo nada, como Sócrates, eram arrogantes a ponto de se compreenderem como grandes e talvez os maiores sábios.

Nesta particularidade, é que se encontra a centralidade do princípio do não saber socrático, no momento onde existe uma relação com o saber na condição de ignorância, ou seja, ter uma relação com a ignorância, como afirma magistralmente o autor Walter Kohan, que o problema, “não estaria em ser ignorante. De fato todos os seres humanos o são. A

questão principal passa pela relação que temos com a ignorância. Alguns a negam ignoram-na. Esse é o principal defeito de um ser humano: ignorar sua ignorância.” (2009, p. 25).

Realmente o princípio da ignorância está em reconhecer-se ignorante e, a partir deste, buscar de forma incansável a sabedoria e, assim, tornar-se um verdadeiro amigo do saber, um filósofo. Após ter conversado com muitos atenienses ao longo de sua vida pública, a Sócrates obter alguma sabedoria e chegou a conclusão que muitos eram soberbos em relação a si próprios. O que significa dizer, que o primeiro passo para o erro está em considerar-se sábio, e o contrário está em reconhecer-se ignorante, a partir disto procurar a verdade. Realmente Sócrates inverteu toda a concepção comum ao afirmar este ponto: “nada é o que parece. Ao contrário, as coisas são opostas ao que parecem: a ignorância sabe, o saber ignora; o ignorante sabe; o sábio ignora.” (KOHAN, 2009, p. 25).

Portanto, evidencia-se o fato que, o primeiro passo a ser dado consiste em autoconhecer-se como um indivíduo ignorante. A partir de tal fato nasce a busca incessante pela sabedoria, assim o princípio do não saber pode ser traduzido como uma humildade que possui por critério a simplicidade.

### **3 A humildade e a simplicidade como princípios fundamentais à sabedoria**

A figura de Sócrates na história da filosofia - como vimos acima - foi de grande importância para que muitos de seus adversários se dessem conta que a sabedoria necessita de uma postura fundamental. Giovanni Reale, em sua história da filosofia, chama esta postura de “não saber socrático” (1990, p. 97).

O não saber é uma condição de possibilidade fundamental para que o diálogo se desenrole e que se chegue a uma unidade. No entanto, alguns princípios agregados ao não saber dão profundidade a esta questão, isto é, a humildade e simplicidade. Neste sentido, podemos nos perguntar: como a humildade e a simplicidade se agregam ao princípio do não saber?

Para responder a esta questão devemos voltar nossos olhos para postura de Sócrates ao buscar conhecimento. Segundo Rubin, Sócrates “abandonou a preocupação dos filósofos anteriores de conhecer o mundo. Ocupou-se em conhecer o homem. [...] Assombrado, repetia aquilo que julgou a mais alta sabedoria: Conhece-te a ti mesmo” (2008, p. 78).

A proposta de Sócrates, a partir do conhece-te a ti mesmo, traz ao campo da filosofia uma nova perspectiva, isto é, a busca pelo conhecimento passa por primeiro no conhecimento de si.

O conhece-te a ti mesmo, levou Sócrates a buscar conhecer e a conduzir seus discípulos, segundo Rubin, “por um caminho de humildade. Sabemos pouco, dizia ele. Para ele, a busca do saber seria como um parto difícil, delicado. Seria como ‘a arte de dar à luz as mentes’, arte essa que, na língua deles, se chamava com o nome de ‘maiêutica’” (2002, p. 18).

Platão no diálogo *Teeteto*, se colocou como o filho da parteira, assim como está escrito acima, a arte de dar a luz às mentes. Sócrates nota que Teeteto está desejoso por conhecer, como que se estivesse grávido a ponto de parir suas ideias. “Estás com as dores do trabalho de parto, meu caro Teeteto, pois não estás vazio, mas prenhe” (PLATÃO, 2010, p. 199).

Desejar conhecer foi o primeiro passo que Teeteto deu em relação à busca pelo conhecimento. Em sequência o diálogo entre Sócrates e Teeteto se desenvolve, no qual Sócrates o questiona: “então, engraçadinho, nunca ouviste que eu sou filho de Fenárete, a mais famosa e hábil parteira? [...] E não ouviste que eu próprio pratico essa arte?” (2010, p. 199).

A figura da parteira é fundamental para esclarecer a postura de Sócrates, pois a parteira é aquela que auxilia no parto, conduz a criança para o nascimento. Porém “nenhuma delas ajuda no parto, enquanto ela própria puder engravidar ou dar à luz, mas apenas o fazem as que já não podem ter filhos” (2010, p. 200). A experiência é extremamente necessária para que a mulher se torne uma parteira, com a idade se vem à sabedoria dos fatos, as ações necessárias para arte vêm com o tempo e a experiência de uma gestação.

No caso de Sócrates, a maiêutica, acontecia no campo do conhecimento, quem mais apto para reconhecer uma gestação se não uma parteira? E assim era Sócrates, reconhecia em seus aprendizes a gestação do conhecimento. “[...] Achamo-nos de certo modo grávidos e em trabalho de parto a respeito do saber” (2010, p. 321).

Se dar conta da gravidez a respeito do saber, introduz no campo filosófica a busca pelo conhecimento, ou mesmo, o parto do conhecimento. Iluminar as nossas ignorâncias. Contudo, sabemos que o princípio do não saber socrático, representa uma postura fundamental para se conhecer, mas interno a ele está o desejo de saber, de solucionar nossas dúvidas, de dar resposta àquilo que nos inquieta.

A humildade se engendra no princípio do não saber, como uma postura também fundamental, pois “muitos se enganaram por quererem parecer sábios antes do tempo, pois com isto envergonharam-se de aprender dos demais o que ignoravam” (S. VITOR, 2018, p. 01).

A humildade conduz o discípulo a reconhecer que não se sabe tudo, que a busca pelo conhecimento nos exige assumir o “risco que no transcurso da conversa seja comprovado que

se estava equivocado e que o outro tinha razão” (BAUMAN, 2016, p. 03). A humildade nos permite aceitar que mesmo com nossas convicções temos o risco de estarmos errados, e principalmente em aceitar que o outro pode me proporcionar um conhecimento, outrora ignorado.

Outro elemento fundamental que se agrega ao não saber socrático é a simplicidade. Assim como a humildade é a condição de possibilidade para o conhecimento, sem simplicidade não se chega ao entender.

Sócrates, no *Teeteto*, se coloca como uma pessoa simples que busca conhecer, isto é “como, porém, somos gente simples, vamos primeiro querer ver como são as coisas: se, naquilo que estamos a pensar, concordam uma com a outra, ou não, de nenhuma maneira” (PLATÃO, 2010, p. 211). Buscar ver como as coisas são é o primeiro gesto de simplicidade, no qual Sócrates se pauta. A verdade das coisas é o objeto dos questionamentos do filósofo, assim, se justifica quando Sócrates questiona Protágoras a respeito de sua tese, isto é: “[...] perguntemos então simplesmente a Protágoras, ou a algum outro daqueles que dizem o mesmo que ele. ‘O homem é a medida de todas as coisas’. [...] Pensa que para si elas são a verdade e reais. Não é assim?” (PLATÃO, 2010, p. 254).

O questionamento de Sócrates em relação à tese de Protágoras se direciona na busca da verdade. A postura simples de Sócrates o levou a questionar o núcleo da proposta do sofista. “Se cada qual tem a sua verdade a respeito da realidade, por que, então, Protágoras pretende ensinar a sua verdade aos outros e, ainda por cima, cobrar um preço tão elevado por suas lições?” (RUBIN 2002, p. 119).

Os questionamentos de Sócrates, aliado ao princípio do não saber, a humildade e a simplicidade, constrangiam muitos de seus opositores. Ademais a pergunta que Sócrates fez a Protágoras é um exemplo de um questionamento simples que demonstra a contradição do discurso. A simplicidade é um elemento que está no filósofo, pois a própria filosofia, segundo Rubin, “teve origem de um gesto de profunda humildade e simplicidade” (2002, p. 18).

## Conclusão

O objetivo de relacionar-se intimamente com a sabedoria implica em uma constante busca da mesma, ser filósofo. Para tal fim, a necessidade de um autoconhecimento claro e teórico vinculado à prática dos conhecimentos recebidos é de extrema importância. Porém, o autoconhecimento por si mesmo torna-se vago dado que o mesmo é sujeito de ser conduzido

pela pretensão arrogante daqueles que consideram saber tudo.

Segue-se que a busca pela filosofia deve relacionar-se com um reconhecimento do nada saber, e a partir de tal momento e de modo incansável, buscar o conhecimento, desta maneira, o autoconhecimento deve estar vinculado com o princípio do não saber, só assim o homem estará disposto a vivenciar a *areté* e tornar-se verdadeiramente livre.

Para tal fim, deve-se obter claramente a postura humilde e simples, pois em tal postura é que se encontra de maneira específica o princípio do não saber. Exemplo notável de tal postura é Sócrates, pois ao buscar tentar esclarecer suas dúvidas quanto à resposta do Oráculo de Delfos, mostrou ser alguém dotado da postura de humildade e simplicidade, pois certamente não se contentou com uma resposta, mas se incomodou por saber que nada sabia. Assim a teoria tornou-se uma prática filosófica, tão necessário quanto o reconhecimento do nada saber.

Compreender nada saber, a partir de uma postura humilde e simples, é o primeiro passo de uma jornada imensurável, no qual o fim certamente não pode ser previsto. Assim Sócrates viveu e por tal fim morreu, porém o primeiro passo do filósofo repercute até hoje, diante de pessoas que buscam uma amizade com a sabedoria, buscam a filosofia.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. Vivemos em dois mundos paralelos diferentes: o on-line e o off-line. **Revista IHU On-line**, Porto Alegre, RS, 03 Set. 2016. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/559679-vivemos-em-dois-mundos-paralelos-e-diferentes-o-on-line-e-o-off-line-entrevista-com-o-sociologo-zygmunt-bauman>> Acesso em: 01 out. 2018.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar**. Traduzido por Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MONDOLFO, Rodolfo. **Sócrates**. Traduzido por Lycurgo Gomes da Motta. São Paulo: Mestre Jou, 1967.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Pará de Minas: M&M Editores, 2003.

\_\_\_\_\_. **Protágoras**. Traduzido por Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora UFPA, 2002.

\_\_\_\_\_. **Teeteto**. Traduzido por Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2010.

RAEYMAEKER, Luís de. **Introdução à filosofia**. São Paulo-SP: Herder, 1961.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia:** Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990. v. 1.

RUBIN, Achylle Alexio. **Minha pequena filósofa, minha pequena filosofia.** Santa Maria =: Pallotti, 2002.

\_\_\_\_\_, **Também você é filósofo.** Santa Maria: Pallotti, 2008.

S. VITOR, Hugo. **Opúsculo sobre o modo de aprender e de meditar.** Disponível em: <[http://www.salverainha.com.br/downloads/Modo\\_de\\_Aprender\\_e\\_Meditar.pdf](http://www.salverainha.com.br/downloads/Modo_de_Aprender_e_Meditar.pdf)> Acesso em: 29 set. 2018.